

ESPAÇOS QUE GRITAM: CRIAÇÃO COLETIVAS DE OUTRAS FORMAS DE LIVROS E DE LEITURAS PARA BEBÊS E CRIANÇAS QUE NÃO LÊM LETRAS

Gabriela G. de C. Tebet¹

Lilia Marilena Morette de Andrade²

Conceição de Araujo Marques²

Cícera Martins Palmeira²

Maria Claudia Bullio Fragelli³

Resumo: Este artigo tem o objetivo de publicizar a experiência e as reflexões realizadas no Congresso de Leitura do Brasil – COLE, 2018, durante a vivência dissonante oferecida pela profa. Gabriela Tebet com o mesmo título deste texto. A proposta partiu de experiências prévias da mediadora⁴ e previu a criação de outras formas de livros e leituras para bebês e crianças que não lêem, considerando o espaço como um potencial "contador de histórias capaz de fazer ecoar histórias ricas e potentes, muitas vezes negadas aos bebês e crianças pequenas. Em especial, histórias de grupos marginalizados, e frequentemente apagados nos espaços institucionais de educação. Histórias que permitam acesso de todas as crianças a elementos da história e cultura de povos e grupos considerados minoritários (ainda que numericamente possam ser maioria, como por exemplo). Este artigo apresenta, assim, registros das experiências vividas com bebês e crianças pequenas em contexto de educação infantil, nos anos de 2007 a 2013 e apresenta um pouco do que foi a vivência dissonante realizada no COLE 2018.

Introdução

Pode um espaço gritar? Que histórias são narradas pelo espaço? Que narrativas se fazem presentes no espaço escolar? Que povos e que culturas são representados no contexto escolar? É possível pensar em formas de leitura para e por bebês e crianças que ainda não lêem letras? E se elas não lêem letras, podemos considera-las leitoras? Essas são algumas questões que orientam o debate que aqui partilhamos.

Diversos estudos apontam os benefícios da inserção precoce das crianças no universo letrado. O contato com a leitura já começa na primeira infância e não se confunde com a alfabetização. Desde cedo observamos o mundo, nos familiarizamos com ele e tentamos compreendê-lo. A partir desta concepção, acredita-se que a Educação Infantil deve se preocupar em oferecer, para todas as faixas etárias, atividades que propiciem o contato com a leitura respeitando o interesse, as necessidades de exploração, a criatividade, auto-estima, e potencialidade de cada sujeito envolvido.

Há que se destacar, contudo que essa proposta não se alinha ao projeto PNAIC/Educação Infantil. Entendemos que a alfabetização é uma responsabilidade do ensino fundamental e não da educação infantil. Na educação infantil as crianças devem ter contato com leituras de materiais diversos, devem ter oportunidade de explorar, descobrir e criar incontáveis formas de

¹ Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP. Ex- Professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de São Carlos. E-mail: gabigt@g.unicamp.br.

² Professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de São Carlos.

³ Professora da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar. Ex- Professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de São Carlos.

⁴ A vivência foi proposta e conduzida por Gabriela Tebet a partir de trabalhos desenvolvidos em parceria com as demais autoras deste artigo.

leitura, sem nenhum tipo de pressão em relação à escrita. Esta por vezes surgirá nas brincadeiras e explorações das crianças, que a partir da relação com o mundo começam a criar suas próprias hipóteses sobre a escrita. Contudo há que se compreender a diferença entre a curiosidade e as experimentações de algumas crianças e a obrigação de todas as crianças aprenderem ainda na educação infantil a ler e escrever. Esta é a responsabilidade do ensino fundamental e não da educação infantil!!!!

Contudo cabe à educação infantil apresentar histórias da nossa sociedade (de forma oral e também por meio da leitura). Compete-nos oferecer desde a mais tenra idade possibilidades de interação com a literatura com os saberes dos povos que habitam o Brasil. Nesse processo, o encontro do bebê e das crianças pequenas com a literatura pode se apresentar de diferentes formas. Bruno Munari (1981), por exemplo, em seu livro intitulado *Das coisas nascem coisas*, desenvolveu os conceitos “Livro ilegível” e “pré-livros”. Formas criativas de permitir que bebês e crianças bem pequenas se envolvam com a leitura, a partir de um conceito de livro que não se prende nem ao papel e nem às palavras.

Abramowicz e Wajskop (1999), ao discutirem a leitura e a escrita na educação infantil e em especial nas creches, destacam que no meio urbano há várias marcas escritas e que a palavra escrita está presente por toda parte. Da mesma forma, afirmam que a leitura e a escrita também estão presentes na vida das crianças. Segundo elas, “as crianças aprendem por si nas diversas interações em que estão imersas, com os livros, com seus pares, com aqueles que lhes contam histórias, etc” (obra citada, p. 65)

Projetos de estímulo à leitura em hipótese alguma devem ser confundidos com projetos de alfabetização. Ao estimular práticas de letramento, visa-se oferecer para a turma possibilidades de interagir com livros, cultivar e exercer práticas sociais de leitura, o que não se confunde com a alfabetização, tal como define Soares (2003). Segundo a autora, para que haja condições para o letramento é preciso que haja material de leitura disponível.

A partir da compreensão de que as práticas de letramento atravessam nossas vidas desde o nascimento (Magda Soares, Abramowicz e Wajskop, Faria e Mello), e inspiradas nas ideias de Munari, em contextos distintos, as autoras deste texto tem desenvolvido distintas propostas de pensar os livros em outros formatos e re-significar o papel de professores, bebês e crianças na relação com a literatura. Nesta perspectiva, para além de leitores, adultos, crianças e mesmo bebês podem ser compreendidos também como autores e/ou ilustradores.

“Projeto Livros: Contribuindo para o desenvolvimento da fala, da competência artística e para a formação de leitores”⁵.

Este projeto consistiu na confecção de livros diversos com a participação das crianças, que decoravam as páginas de base com lápis de cor, ajudavam a espalhar cola e grudavam as figuras selecionadas por elas e por nós, bem como a apreciação e leitura dos mesmos.

⁵ Projeto desenvolvido com a colaboração das profas. Lilia Marilena Morette de Andrade e Conceição de Araújo Marques, no Berçário II da CEMEI José Marrara, São Carlos/SP (com Bebês e crianças de 1 a 2 anos de idade). Publicado em: https://www.academia.edu/1183000/PROJETO_LIVROS.



* Imagens do acervo pessoal de Gabriela Tebet. Divulgação autorizada.

Alguns livros foram feitos em papelão, outros em papel cartão colorido. Eles foram ilustrados com recortes de revistas ou com desenhos coloridos com a ajuda das próprias crianças. Alguns receberam texto depois de prontos. Ao longo do projeto confeccionamos livros sobre meios de transporte, animais, lugares e paisagens, arte e um Livro da Diversidade, no qual colamos figuras de várias pessoas, retratando a diversidade racial, cultural, de idade, gênero e necessidades especiais existentes em nosso país.

Além dos livros em formato mais tradicional, e entendendo que na educação infantil o espaço possui um importante papel educativo, decidimos experimentar levar as histórias dos livros para as paredes, permitindo que as crianças interagissem com elas com maior autonomia em outros momentos da rotina.

Além da confecção de livros com as crianças, usando desenho livre e/ou colagem, também confeccionávamos grandes cartazes com o cenário de histórias lidas e os personagens da história eram transformados em “bonecos de papel”⁶. Todo o material era plastificado com fita adesiva larga transparente e começavam a ocupar um lugar importante no nosso espaço e nas nossas brincadeiras. Assim, as histórias lidas com as crianças começaram a ganhar um lugar em nosso cotidiano que extrapolava as páginas dos livros. E as paredes começaram a também

⁶ Cartolina e papel cartão permitem a confecção de materiais mais resistentes para serem manuseados pelas crianças pequenas.

contar histórias em nossa sala. Bem como cada uma das crianças da turma teve a chance de recriar contar a história ao seu modo. A canoa podia estar no rio, mas também ir parar em cima da árvore, assim como o sol podia estar no céu, ou no rio.



Fonte: Acervo particular de Gabriela Tebet

Foucambert, em seu artigo sobre o que é aprender a ler, afirma que “a criança aprende a falar porque, a partir de uma situação que a envolve, atribui sentido a uma mensagem: desprezando boa parte dos elementos expressos, ela atribui sentido aos que considera mais significativos. Com base neles, elabora, então, hipóteses sobre outros elementos, até ali desconhecidos. O mesmo processo ocorre quando a criança explora a escrita para atribuir-lhe sentido” (FOUCAMBERT, 1994, p. 6). Aprender a falar, assim como aprender a ler envolve, portanto, “primeiro adivinhar e, depois, cada vez mais acertar” (idem, p. 6).

Quando alguém observa num livro uma figura qualquer e a nomeia, mesmo que não seja capaz de ler o texto que a acompanha (quando ele existe), está começando a compreender o sistema de símbolos presente nos livros, no qual se baseia a cultura escrita, quando lê as figuras, mesmo sem ler a palavra, de alguma forma já lê; afinal, “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor, que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor” (CHARTIER, 1999, p. 77).

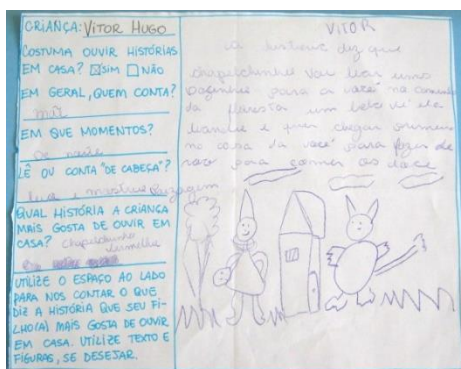
Essas ideias continuaram a nos inspirar e a inspirar outros projetos como o que apresentamos a seguir.

Me descobrindo, descubro também a leitura⁷

Este projeto partiu de uma busca por conhecer melhor as experiências de leitura de nossos bebês e crianças pequenas em suas casas, e oferecer experiências variadas na creche. Teve como ponto alto a confecção de livros com histórias ligadas tradição popular das regiões de origem das famílias.

⁷ Projeto desenvolvido por Tebet e Martins em 2008. Para conhecer mais este trabalho, acesse o catálogo do Prêmio VivaLeitura 2009, (páginas 30 – 31). Disponível em: <<http://www.premiovivaleitura.org.br/pdf/vivaleitura2009.pdf>>.

Na primeira etapa do projeto cada criança levou um caderno para casa, no qual sua família teve a oportunidade de nos relatar se a criança costuma ouvir histórias em casa, em que momentos, quem conta, se lê ou conta “de cabeça” e qual a história preferida de cada um. Na segunda etapa, como parte de um projeto da creche, incentivamos a leitura em casa, enviando periodicamente para as famílias um livro que poderia permanecer com eles o tempo necessário para a realização da leitura. Nesta etapa, o/a responsável pela criança era convidado/a a nos enviar um relato da experiência e descrever as reações da criança. E por fim, a partir da análise das referências literária que as crianças já possuíam, confeccionamos livros na creche com a ajuda das crianças. Estes livros traziam contos de diversas culturas e no final do ano houve a realização de uma exposição.



Na primeira etapa do projeto, as 11 crianças que integram a turma do Berçário II levaram para suas casas o caderno do projeto. Dessas 11, 10 trouxeram de volta o caderno preenchido, sendo 5 meninas e 5 meninos de 1 ano e meio a 2 anos e meio. As respostas e relatos apresentados pelas famílias das crianças apontam que todas elas costumam ouvir histórias em casa. Quem lhes conta histórias são as mães (presentes em 70% das respostas), os pais (30%), toda a família (10%) e outros parentes⁸ (20%) e a TV (10%).

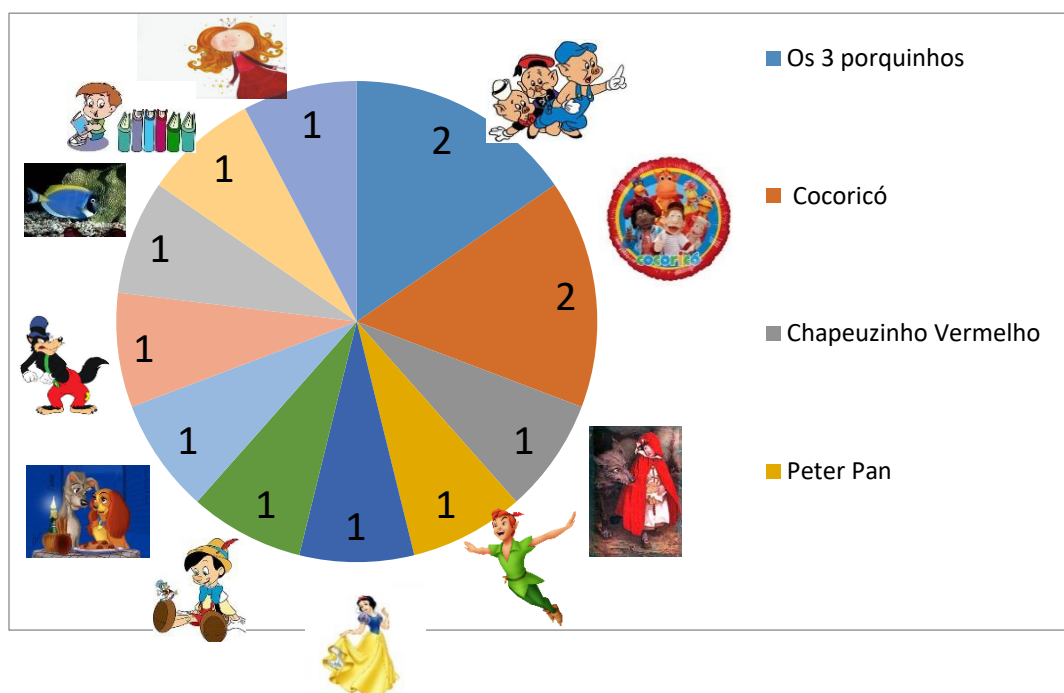
As crianças costumam ouvir histórias, em casa, à noite/ na hora de dormir (60%), Quando chega da creche (10%), quando chora (10%), após o jantar (10%) e nos finais de semana (10%). No que se refere à forma de contar histórias, 50% das famílias costumam ler, 10% indicam que costuma contar “de cabeça”, 10% costumam “inventar” histórias, 20% às vezes lêem, às vezes contam “de cabeça”, e 10% (1 família) não costumava contar histórias para sua filha, que apenas assistia DVDs.

Quando questionadas sobre as histórias que seus filhos mais gostavam de ouvir em casa, as respostas foram⁹:

Os 3 porquinhos (20%), Cocoricó (20%), Chapeuzinho Vermelho (10%), Peter Pan (10%), A Branca de Neve (10%), Pinóquio (10%), A Dama e o Vagabundo (10%), Histórias do Lobo Mau (10%), Histórias de Peixes (10%), Qualquer história e poema (10%), Uma história inventada pela mãe que fala de uma princesa que é a própria criança (10%).

⁸ Nesta categoria as pessoas que aparecem como tendo lido o livro para as crianças são, invariavelmente mulheres (irmãs, tias ou primas).

⁹ Em alguns casos foram indicadas mais e uma história como a preferida da criança.

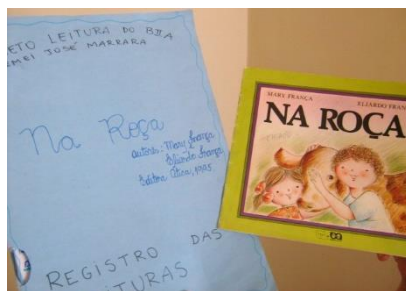


Alguns comentários que merecem destaque na primeira fase:

- A mãe da criança E, diz que ele adora histórias que falam de peixes e de cachorros. Diz que ele fica todo empolgado, querendo ler também.
- A mãe da criança W e da criança AA indicaram que elas tem o hábito de pedir histórias antes de dormir.
- A mãe da criança AC relata que “quando a AC vai dormir, parece que está faltando algo. Então começamos a contar a história da Branca de neve”. Diz também que isso deixa a AC feliz e que parece que ela entende bem a história!
- A mãe da criança I diz que não tem o hábito de ler em casa para a filha, que em geral vê histórias apenas na TV, ou no DVD. A mãe escreveu: “Sei que o hábito da leitura é muito importante, mas na correria do dia-a-dia acabamos não fazendo muitas coisas que deveríamos fazer para nossos filhos e portanto pretendo, de hoje em diante, encontrar o melhor momento de pegar um livro, sentar com a minha filha e ler para ela. Obrigada”.



Observamos, a partir das respostas das famílias, os livros aos quais as crianças mais têm acesso em suas casas são, principalmente contos clássicos e histórias de Walt Disney, além das histórias do programa de televisão intitulado Cocoricó e veiculado pela TV Cultura.



Diante deste panorama, optamos por iniciar a segunda fase do projeto, oferecendo para as crianças e suas famílias uma oportunidade de leitura diferenciada. Para isto escolhemos livros de premiados autores brasileiros que nos trazem poesia e magia com linguagem simples e ilustrações encantadoras, própria para o público infantil. Inicialmente, propusemos a leitura, em casa dos livros “Dia e Noite” e “Na Roça” (coleção Gato e Rato, ed. ática), de Mary França e Eliardo França.



Na 2ª etapa do projeto, montamos 2 pastas que seriam enviadas para as crianças. Cada uma continha um bloco de notas montado com folhas de sulfite, uma caixa de lápis de cor e um livro (“Na roça” e “Dia e Noite”, ambos de Mary e Eliardo França). No bloco preparado pelas professoras, havia uma carta agradecendo e parabenizando a todos pela participação na primeira etapa do projeto e orientando para que nesta segunda etapa, fizessem a leitura do livro enviado com seus filhos destacando a importância de que os pais permitissem que seus filhos manuseassem o livro, caso eles demonstrassem tal interesse. Nesta carta, pedimos ainda que nos fosse relatada, no referido bloco, a experiência vivida.

As respostas e relatos apresentados pelas famílias das crianças foram sistematizados em forma de tabela, de modo a facilitar a comparação das experiências vividas a partir da leitura de cada um dos livros e são apresentadas a seguir.

Momento em que a leitura foi realizada

Livro “Dia e Noite”		Livro “Na roça”	
De manhã	25%	De manhã	0%
De tarde	25%	De tarde	20%
Antes de dormir	0%	Antes de dormir	20%
De noite	50%	De noite	0%
Depois do almoço	12,5%	Depois do almoço	0%
Após a janta	12,5%	Após a janta	40%
Após o banho	0%	Após o banho	20%

* Em alguns casos, a mesma criança indicou mais de uma resposta.

A análise dessas respostas e a sua comparação com as respostas dadas pelas famílias durante a primeira etapa do projeto nos permitem observar que o projeto ora desenvolvido proporcionou uma diversificação dos momentos de leitura vividos pelas crianças em suas casas. No que no caso da criança M, os momentos de leitura deixaram de se relacionar com o choro para ocorrer em momentos variados, configurando-se como um momento de prazer e alegria, como nos relata a mãe.

Quem realizou a leitura

Livro “Dia e Noite”		Livro “Na roça”	
mãe	62,5%	mãe	80,0%
pai	25,0%	pai	20,0%
toda a família	0,0%	toda a família	0,0%
Outros parentes (irmã, tia, prima, etc.)	37,5%	Outros parentes (irmã, tia, prima, etc.)	0,0%

* Em alguns casos, a mesma criança indicou mais de uma resposta.

Nesta tabela, observamos que as mães, em todos os casos, continuam sendo indicadas como as principais leitoras de histórias para as crianças, os pais são indicados como os responsáveis por esses momentos em quantidade bem menor, mas ainda assim significativa, uma vez que sabemos que em nossa sociedade, o papel de cuidar dos filhos, esteve por muito tempo reservado exclusivamente às mulheres e apenas recentemente os homens começaram a assumir também esse papel.

Outra informação que apareceu nessa fase do projeto e que merece destaque refere-se à criança I, que antes ouvia histórias em casa apenas na TV e a partir de proposta desse projeto, passou a ter momentos de leitura com sua família. Podemos observar que a opção TV não figura mais entre as respostas dadas nesta segunda etapa.

Alguns comentários que merecem destaque na segunda fase:

- A mãe da criança E diz, no seu relato sobre a leitura de “Na roça”, que “é muito bom ter um tempo com o meu filho. Ele adora histórias (...) e no trecho do livro que fala: 'Os meninos seguem as marcas no barro', então eu percebi o interesse dele. Ele falou os nomes de todos os animais. Fiquei tão contente que contei a história novamente para ele. (...) Obrigada pela oportunidade de ler histórias legais como essa!”

- A mãe da criança R conta que “Quando comecei a ler o livro (Dia e Noite), o R. começou a olhar atentamente, cada página ele ficava mais atento ainda, apenas comentou quando apareceu a onça e depois que li novamente ele começou a se interessar e mostrar o cavalo, o balanço, o pássaro e a casa da menina e quis novamente ver as imagens com suas mãozinhas (...) Eu, mamãe, quando criança, já havia lido esse livro e acabei voltando na minha infância e foi maravilhosa a sensação de reler junto com meu anjinho.

- A mãe da criança AC, em seu relato sobre a leitura de “Na Roça” indica que “Quando terminei de ler a história, ela começou a chorar, querendo ouvir mais e mais”. Já a mãe da criança E relata que quando começou a ler, achou que ele não tinha se interessado muito, mas afirma que “depois dei (o livro) a ele e comentou cada novo desenho que via. Por mais incrível que pareça, tudo o que eu lí ele lembrou e repetiu na página certinha (...) Adorou, e depois não queria mais largar o livro”.

- Os pais da criança I contam que “Foi muito divertido ler o livro (Dia e Noite) para a I e ela também quis ler para a gente. Contou a história do jeito dela, mandava colocar a mão na boca do 'leão', como ela chamou a onça, para ver se ela me mordida (...) Gostamos muito da experiência e gostaríamos que se repetisse sempre” No relato da leitura de “ Na roça”, contam que “Ela invocou que a ponte era uma cobra, pois é toda de pedra e olhando rapidamente parece mesmo. Deu o que tinha para convencê-la de que não era cobra. Rimos muito, foi um barato.



Na terceira etapa, oferecemos para as crianças diversos livros do acervo da unidade para que as crianças explorassem. Realizamos diversas rodas de leitura, confeccionamos livros na creche com a ajuda das crianças e disponibilizamos estes livros para leitura pelas crianças e pelos pais – durante a nossa exposição e os horários de saída.

Os livros confeccionados traziam contos de diversos estados brasileiros, conforme as origens das famílias das crianças





As histórias voltam a ganhar as paredes...

Em 2008¹⁰ diversas ações foram desenvolvidas de modo a utilizar as paredes da creche para que elas pudessem fazer ecoar histórias distintas. Sobretudo, a partir de uma reflexão sobre o modo como os elementos presentes nas paredes são compreendidos pelos bebês e crianças como elementos importantes da sua experiência educativa na creche (Tebet, Barros e Palmeira, 2013). Nesse momento, algumas produções foram feitas com as crianças, mas outra foram feitas “para” elas.



Entre os anos 2009 e 2013 retomamos¹¹ a proposta de confeccionar grandes cartazes com o cenário e elementos de histórias com personagens negros e indígenas, que ganhavam espaço nas paredes.

¹⁰ Parceria da professora Gabriela Tebet com as professoras Conceição Marques e Cícera Martins Barros.

¹¹ Trabalho desenvolvido em parceria entre as professoras Gabriela Tebet e Maria Claudia Bullio Fragelli nos anos 2009 e 2013.



Os cartazes, em alguns casos eram feitos com a participação das crianças, que ajudavam a contar as histórias e a colorir os cartazes. Ao ser afixado nas paredes da creche, esse modelo de livro requeria dos bebês e das crianças que se movimentassem para realizar a leitura. Era quase uma “caminhada literária”, em que a cada trecho percorrido, um novo pedaço da história podia ser lido. Contos indígenas, em 2009, ganharam as paredes do corredor que levava da sala ao refeitório. E nesse caminho, todos eram leitores e contadores de história.



Fonte: Acervo pessoal das autoras. Material produzido por Maria Claudia Bullio Fragelli.

Desse modo, as histórias saíam dos livros e ganhavam lugar por todo o espaço. Os espaços começam a gritar. Gritam histórias indígenas, histórias de personagens negros, histórias de meninas valentes...

Essa proposta também reconfigura o lugar de adultos, bebês e crianças, uma vez que a criação dos novos formatos atribuídos às histórias é feita colaborativamente. Além dos livros que conhecemos, novas histórias podem ser criadas e ganhar também o espaço das paredes. Eles podem também ser afixados no chão no caso das salas dos berçários para serem explorados pelos bebês enquanto engatinham. Bebês, crianças e adultos, podem ocupar nesse processo tanto o lugar de ouvintes de histórias, como o lugar de contadores, autores, ilustradores e editores.

Vivência Dissoante¹²: "Espaços que gritam: criação coletivas de outras formas de livros e de leituras para bebês e crianças que não lêem letras"

Partimos da compreensão de que desde o nascimento somos todos parte deste mundo e temos nossas formas singulares de interagir com o mundo e com suas histórias. Entendemos que - de modo geral - adultos têm dedicado pouca atenção à essa parcela da sociedade composta de bebês e crianças pequenas (e que aqui estamos considerando como uma comunidade minoritária) e oferecido poucos elementos para a exploração e a criação de vivências dissonantes de leitura e temos olhado pouco para as experimentações cotidianas que fazem e leituras de mundo tantas. Assim, nossa proposta foi pensar o "lugar" da leitura e das histórias na produção de subjetividades e produzir coletivamente materiais literários com formatos dissonantes dos padrões correntes no universo da literatura infantil. Ao final da nossa vivência serão endereçados para bebês e crianças pequenas de contextos diversos. A vivência não exigiu experiência artística ou literária prévia, mas foi indispensável ter disposição para a criação e a experimentação.

A vivência contou ainda com a presença do autor infantil indígena Daniel Munduruku, que compartilhou conosco sua experiência como escritor e a quem agradecemos imensamente a possibilidade de diálogo. Seus livros serviram como base para a vivência proposta, que ofereceu a seus participantes a possibilidade de criar suas próprias versões literárias. As produções dos participantes vão agora para ganhar o espaço em creches parceiras e gritar suas histórias para muitas outras pessoas. Agradecemos a cada um(a) que participou da Vivência e esperamos que nossa proposta ganha muitas pareces de creches e EMEIS.



¹² Atividade conduzida pela profa. Gabriela Tebet durante o Congresso de Leitura – COLE 2018.



Referências

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. Leitura e escrita. In: _____. *Educação infantil: Creches: Atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Moderna, 1999.

CHARTIER, Roger. *As revoluções da leitura no Ocidente*. Leitura, história e história da leitura, v. 2, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FRANÇA, Mary e FRANÇA, Eliardo. *Dia e Noite*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FRANÇA, Mary e FRANÇA, Eliardo. *Na Roça*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.

MUNARI, Bruno; VASCONCELOS, José Manuel de. *Das coisas nascem coisas*. 1981.

TEBET, Gabriela. *Projeto Livros*. 2008. Mimeo

TEBET, Gabriela; PALMEIRA, Cícera. *Me descobrindo, descubro também o mundo e a leitura*. Prêmio VivaLeitura, 2009. Disponível em: <<http://www.premiovivaleitura.org.br/pdf/vivaleitura2009.pdf>>.

TEBET, G; BARROS, F; PALMEIRA, C. Educação Infantil e currículo: reflexões a partir de diálogos com crianças. In: SANTOS NETO, J. (Org.). *Um horizonte chamado educação: perspectivas e caminhos*. São Carlos: Pedro & João editores, 2013. p. 275-288.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*, 1981

MUNDURUKU, Daniel. *As serpentes que roubaram a noite: e outros mitos*. Editora Peirópolis, 2001.

MUNDURUKU, Daniel et al. *Histórias de índio*. Companhia das Letrinhas, 1997.

MUNDURUKU, Daniel; BORGES, Rogério. *Contos indígenas brasileiros*. Global Editora, 2005.

SOARES, Magda. *Letramento* – um tema em três gêneros. Autêntica, 2018.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>.